



## Vísceras e reentrâncias

*Ressaibo*, de Erika Mattos da Veiga

Jun Shimada\*

A capa do romance jaz sobre a mesa e a imagem instiga: vê-se a intimidade devassada de uma madeira dourada e vigorosa em cuja fenda se insere um texto comprido: “Erika Mattos da Veiga *Ressaibo*”. Dentro da fenda, outras incontáveis fendas e reentrâncias. O que tem a dizer do livro a madeira?

Uma das protagonistas do romance dá uma pista e pensa: “De frente para a mesa obscenamente maciça enquanto o velho ditava as mesmas cartas de ameaça e cobrança, pegava-se pensando no que fora aquela mesa antes de virar mesa de advogado português. Era óbvio que tinha sido árvore, mas como é que o madeireiro entrava na floresta e cortava aquele naco? [...] Não sei como têm coragem, eu não teria, acho árvore um troço tão bonito” (p. 23). Ressente a morte da árvore, ressentido o patrão ao qual em seguida comunica sua demissão.

O novo emprego, também como secretária, marca o início da aventura conjunta das quatro personagens do livro: secretária, doméstica, patrão e patroa, todos sem nome. A descrição da última significativamente abre o livro: “Era uma mulher feia” (p. 1), e segue-se a rica e pútrida descrição da mulher, que tinha então alguns dias de prisão de ventre e chega ao fim da narrativa com quarenta dias de barriga inchada. Trinca os dentes, com raiva dos próprios intestinos e dos outros; não digere ou elimina nem comidas nem vivências: apenas

\* Mestrando em Poética (UFRJ).

acumula, remorde, ruma e ressentido. Envia cartas carinhosas ao ex-marido indiferente enquanto evita o atual, igualmente indiferente, que a explora financeiramente. Enquanto come o almoço do dia, não o saboreia, mas sente saudades da refeição de outrora: “Nunca mais comi feijoada como a que a minha avó fazia” (p. 10).

As personagens habitam a casa em que se passa o romance. O que as une, no entanto, não é tanto o projeto profissional do casal principal, que acaba por não vingar – como aliás não vinga quase nada em meio à linguagem fétida que encompassa a estória. Estão sim as quatro entrelaçadas pelos intestinos, a envolverem e embaçarem o convívio presente pelo passado e seus ressentimentos, resultando em que todos se agriem e magoam sem que nada entre eles se desenvolva. Desse todo embaraçado é possível distinguir dois movimentos: o da patroa e o da secretária.

A primeira, cada vez mais irritável e intolerante, trata mal a todos, ao mesmo tempo em que vai ao banheiro e, sentada sobre o vaso, sofre sua paralisia intestinal até o ponto de desejar sumir, ou, nas apropriadas palavras do narrador, “colapsar para dentro das bordas do cu” (p. 138). É, de alguma forma, o que lhe ocorreu há tempos sem que disso se desse conta. Sua vida já se encontra perdida em fezes antigas e podres das quais não consegue se livrar.

Já a secretária soma às lembranças de humilhações passadas a arrogância crescente dos patrões. Assiste aos dois maltratando-a e aos demais subordinados, mas tudo que consegue é sentir pena. Repete a si mesma com frequência, contudo, que se condoer equivale a resignar-se. Personifica os versos de Drummond que servem de epígrafe ao livro (“Porém meu ódio é o melhor de mim / Com ele me salvo / e dou a poucos uma esperança mínima”) e de moto para que abandone as condolências. Leva seu próprio ódio a tal nível que é como que

tomada pela própria revolução. Não a social, mas a ebulição interna que culmina na destruição que causa à casa e, na cena final do livro, sua fuga: “Alta madrugada, descascando com os dentes o cor-de-rosa da manga, atravessou as pistas e o canteiro da avenida litorânea, pisou descalça a areia branca da praia” (p. 207).

A cena é também digestória, não por mero acaso. Ao frescor da manga se opõe o que subjaz à falta de nome das personagens e o modo como o foco narrativo subitamente se alterna: Ressaibo, o protagonista. Não há duplo que lhe resista, pois que toma a todos pelo que têm de mais baixo: “engolir o próprio vômito [...]. Ruminava há décadas o azedume de sua vida. Todos os dias o mesmo tedioso ritual, escancarava a boca, e a vida vinha despejar a parcela de vômito que lhe cabia” (p. 82). Amarrando a todos pelas tripas, é ele que prende as personagens em circunvoluções eternas de fezes que não os levam a lugar algum.

A decisão que toma a secretária de abandonar a resignação e partir em direção ao presente, a uma experiência não mais vomitada, mas da comida pura e simples, acena como a possibilidade de inteireza. É o que aponta também a numeração racional dos capítulos: “Um quinze avos”, “Dois quinze avos”... até o final: “Um inteiro”, do encontro consigo mesma. Deve ser disso mesmo que fala a capa do livro: a madeira e suas fendas incontáveis que não se sabe se é mesa ou árvore, como a pessoa que de tanto ser mesa se esqueceu de crescer. Mas quem nunca viu brotar folha em pau de cerca? Ou, continuando com o poema de Drummond, a vida em pleno asfalto: “Uma flor nasceu na rua!”